

À Sombra do Comum

Os artistas desta exposição trabalham o discurso de suas obras utilizando materiais e imagens comuns, tanto físicos como digitais, materiais de acesso fácil. Embora o ponto de partida para suas ações tenha início com o emprego de matérias e materiais rotineiros, aliados a gestos e ações também originados dentro de um universo cotidiano, é justamente essa combinação que revela uma linguagem individualizada e particular.

Andre Barion constrói seus volumes utilizando um repertório usualmente ligado ao que seria "corte e costura". Aproxima-se de artistas que durante o século XX transformaram o volume em matéria mole, abandonando na tradição da escultura e do objeto, o embate com a pedra, a madeira e a fundição em bronze. Utiliza um tecido dourado e cintilante, que recortado, costurado e estofado, dá origem a objetos irregulares, de aparência orgânica, parecendo fragmentos de um corpo maior. O brilho metálico dos objetos de André Barion, soa como uma ironia do comum dirigida aos metais fundidos. Jorge mostra pinturas com imagens de roupas sem corpo, meio amassadas mas erguidas, como se fossem andar sozinhas, um pouco fantasmagóricas, um pouco como animações de Walt Disney. São roupas comuns, sem pompa ou enfeites, roupas do dia a dia, não são roupas de domingo, como se dizia. São quase uniformes, roupas que todos têm, jeans na sua maioria. Essas pinturas são feitas com encáustica à frio sem pintura de fundo o que dá um aspecto escultórico muito particular para as imagens. Apesar de escultóricas são rasas, pouco pronunciadas além do próprio plano como se fossem relevos. Mesmo assim parecem leves, lépidas como dançarinos, são portadoras de uma enorme sensação de movimento. Marcadas pelo uso, essas roupas representadas nas pinturas parecem guardar um gesto de humanidade.

José Spaniol e Sérgio Romagnolo

2017

Trecho retirado do texto curatorial para exposição *À Sombra do Comum*, na Galeria Andrea Rehder